

# O coro de vozes em *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum

Clarissa Rodrigues Pinheiro Gomes, Sidney Barbosa

Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara -  
Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNesp)  
clararpg@fclar.unesp.br, sidney@fclar.unesp.br

**Abstract.** *Relato de um certo Oriente (1989) is the amazonense writer Milton Hatoum's first novel. Its peculiar structure, build in a voices choir way conducted by the narrator inspires the analysis of its narrative technique and the survey of the types of narrative focus allows the framing of the technique used in a particular type - the dramatical way, which was used by the author in his novel.*

**Keywords.** *novel; narrator; narratives categories; polyphony*

**Resumo.** *Relato de um certo Oriente (1989) é o romance de estréia do escritor amazonense Milton Hatoum. Sua construção peculiar, na forma de um coro de vozes regido pela narradora inspira a análise de sua técnica narrativa e o levantamento dos tipos de foco narrativo permite o enquadramento da técnica utilizada em um tipo particular – o modo dramático, do qual o autor se serviu nesta obra.*

**Palavras-chave.** *romance; foco narrativo; categorias narrativas; polifonia.*

## Introdução

Natural de Manaus, o escritor Milton Hatoum é professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas, publica, constantemente, artigos, resenhas e ensaios acerca de temas ligados às letras, à linguagem e à cultura brasileira, e é presença cativa em seminários e congressos na área de Literatura. Conhecido no campo das letras por seus quase trinta anos de trabalho com a palavra escrita, o autor acaba de lançar seu terceiro romance, *Cinzas do Norte* (2005), cinco anos após o segundo, *Dois Irmãos* (2000), este lançado mais de uma década depois do primeiro. E é a sua primeira obra que particularmente nos interessa neste artigo: *Relato de um certo Oriente* (1989). Não por ser a primeira, evidente que não, mas por seu valor literário e pela instigante maneira como foi construído, um peculiar trato do foco narrativo, ao qual vamos nos dedicar nas próximas páginas.

A obra, ganhadora do “Prêmio Jabuti” de melhor romance em 1990, é um laborioso entrelaçar de depoimentos, uma teia narrativa em que a cada capítulo uma nova personagem tem voz, acrescentando detalhes a um fato ou uma nova versão do mesmo. Este comportamento garante à narrativa um aspecto de colcha de retalhos, onde várias pequenas histórias são reunidas com intuito de dar forma a uma grande obra.

*“A escrita apurada de um estreante como Milton Hatoum parece indicar (...) que um certo ideal de prosa narrativa, refletida e compassada, que vem de Graciliano e chegou a Osmar Lins, não é forçosamente fruto de um passado estético irreversível.*

*Esse padrão resiste em meio aos cacos do mosaico pós-moderno e significa a vitalidade de um gosto literário sóbrio que não renuncia à mediação da sintaxe bem composta e do léxico preciso, sejam quais forem os graus de complexidade da sua mensagem. A idéia de arte como trabalho baqueou mas ainda não morreu.”<sup>i</sup>*

A riqueza de *Relato de um certo Oriente*, que já foi publicado em francês, alemão, inglês, italiano e espanhol, inspira uma detalhada análise e a questão do narrador é uma das mais mencionadas e estudadas. Davi Arrigucci Jr., que assina as orelhas do livro de Hatoum, afirma:

*“... a narração remonta ao passado por lances retrospectivos, pela voz da narradora em que se encaixam outras vozes num coral coeso, lembrando a tradição oral dos narradores orientais...”<sup>ii</sup>*

A inusitada forma de construção deste romance nos levou a analisar detalhadamente a obra com os objetivos de desvendar a técnica utilizada para narrá-la, a motivação do autor para o uso desta técnica em particular e o resultado desta escolha. Para tanto, levantamos outros trabalhos cujos objetivos foram similares ao nosso, como o ensaio em forma de livro lançado no início de 2004 por Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo com a colaboração de Heliane Aparecida Monti Mathias sobre as duas primeiras obras de Hatoum. O livro é alicerçado no mundo ficcional do escritor e recebeu o título de *Entre olhares e vozes; foco narrativo e retórica em Relato de um certo oriente e Dois Irmãos de Milton Hatoum*. Nesse estudo as autoras trabalham o narrador de forma superficial atendo-se mais ao aspecto da retórica.

É importante ressaltar a descendência libanesa do escritor quando da forte presença de costumes orientais em suas obras. A obra em questão, em particular, traz o singular hibridismo entre as culturas árabe-libanesa e brasileira, especialmente a da região amazônica. René Wellek e Austin Warren em *Teoria da Literatura* (1948) já diziam que “(...) a mais óbvia causa determinante de uma obra é seu criador, o autor; (...)”. Por isso eles defendiam que o estudo da obra em função da vida do escritor deveria ser o mais adotado e o mais indicado. E, apesar de esta visão ter sido muito questionada e até mesmo rejeitada durante o século passado, agora, no século XXI, há um processo de retomada a este estudo e torna-se necessário considerar, ainda que de forma discreta, a presença do homem no contexto da criação de sua obra artística. Logo, podemos pontuar aspectos do romance objeto de estudo que tangenciam a vida de Hatoum e a sua narração entrecortada encadeando uma história em outra numa espécie de digressão infinita que muito nos lembra as narrativas orientais do estilo de *As Mil e Uma Noites*.

### **Um pouco de *Relato***

*Relato de um certo Oriente* marca não apenas a estréia de Milton Hatoum na literatura como também o início de uma gama de estudos e pesquisas a seu respeito. Com pouco mais de 160 páginas e 8 capítulos, o romance debruça-se sobre um tema bastante comum – a família e seus dramas. A procura por mostrar as dificuldades presentes na convivência diária de familiares e amigos entre si, com seus diferentes segredos e comportamentos, faz deste um grande enredo.

A obra é basicamente o relato de uma mulher que volta muitos anos depois à sua cidade natal e tem a missão de reportar a atual situação do local e das pessoas que lá habitam para seu irmão distante, fazendo um breve retrato da Manaus da época, em

forma de uma carta. Neste regresso, ela traz à tona memórias que, acompanhadas das lembranças de amigos e parentes, ajudam-na a recriar a sua história.

As personagens do romance são como bem as qualifica Arrigucci Jr. fortes e fugazes. Elas vão tomando forma a partir do discurso dos outros, sendo caracterizadas pelo seu exterior, isto é, por suas ações e emoções. Emilie é a matriarca, é quem cuida da casa e rege a família. Ela é muito católica e casou-se com um mulçumano, que é apenas referido como *pai* no livro; teve quatro filhos: Sâmara Delia, Hakim e outros dois aos quais também não é dado nome na obra e que são constantemente chamados de *os inomináveis*. Além destes, Emilie adota mais duas crianças: uma é a nossa relatora, a que conduz a história; a outra é seu irmão que vive em Barcelona e para o qual ela pretende enviar o relato.

Há ainda figuras como: Soraya Ângela, filha de Sâmara Delia que é desprezada pelos irmãos *inomináveis* por ser surda-muda e por não se conhecer a identidade do pai; o irmão de Emilie, Emir, que suicida-se no porto da cidade; o fotógrafo alemão Dorner, amigo da família e que fotografa Emir pouco antes da tragédia; e a grande amiga de Emilie, Hindié Conceição, única a lhe fazer companhia até os últimos dias.

O romance caracteriza-se, portanto, pelo emaranhado de depoimentos destas várias personagens, cada uma com sua visão e versão própria de certo episódio narrado, ou seja, várias vozes que se unem para compor um só relato. Estes depoimentos irão constituir o relato da irmã ao irmão distante – uma colcha de retalhos cosida em um tecido bem diferente.

*“Quem supunha, por exemplo, que da Amazônia só nos viessem episódios de seringueiros ou de índios massacrados, por certo recebeu com surpresa o texto em surdina de Milton Hatoum, Relato de um certo Oriente (89), em que a vida de uma família burguesa de origem árabe, enraizada em Manaus, se dá ao leitor como um tecido de memórias, uma seqüência às vezes fantasmagórica de estados de alma, que lembra a tradição do nosso melhor romance introspectivo.”<sup>iii</sup>*

## **Foco Narrativo na Literatura**

Desde a antiguidade, pensadores como Platão e Aristóteles buscaram explicar as mais diversas artes dos homens, e, dentre todas, dedicaram boa parte de seus estudos à arte de narrar, de contar histórias. Isto porque a humanidade sempre fez uso da comunicação para passar seus conhecimentos e experiências de geração em geração, através de pinturas nas paredes, mímicas e finalmente por meio da fala articulada. Narrar era, portanto, uma arte oral. A tradição de contar histórias para ensinar os costumes, hábitos e cuidados de um povo foi modificada com a chegada da escrita e, posteriormente da imprensa, que trouxe o livro como “contador de histórias”. Atualmente, os gêneros literários se multiplicaram e espalharam-se pelas mais diversas culturas e um recebe destaque por ser um dos gêneros mais bem-sucedidos em atingir o público moderno – o romance.

*“Nenhuma arte mimética foi tão longe na representação dos pensamentos, dos sentimentos e do discurso quanto o romance.”<sup>iv</sup>*

Alguns estudiosos não acreditaram no poder deste novo gênero. Walter Benjamin, por exemplo, anunciou em seu ensaio intitulado *O Narrador* que “a arte de narrar estava em vias de extinção” devido principalmente à escassez de experiências na

modernidade. Para ele, as experiências são a essência de uma história a ser contada e a maneira de contá-la, de intercambiar o que se viu e viveu é que constitui a narrativa. Logo, o romance que não vai preceder da oralidade como os antigos gêneros e não incentiva a permuta de experiências é concebido pelo autor como marco para o fim desta arte.

*“O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno.[...] A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los.”<sup>v</sup>*

Mas ao contrário do que previa Benjamin, o que se vê hoje é uma crescente inovação no trato do narrador pelos romancistas. Disfarçado no enredo, o narrador moderno permite uma maior liberdade ao leitor no processo de interpretação dos fatos transcorridos na obra. O próprio estudioso destaca a memória como grande trunfo do “contador de histórias”, exatamente o artifício usado por Milton Hatoum ao construir o seu *Relato*. O romance busca nas memórias do passado, nas lembranças das personagens, um sentido para a história, para a vida, para o tempo que passa.

*“A narrativa... Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.[...] Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso [...] seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.”<sup>vi</sup>*

Haja vista isso, para a concepção de um romance é necessária a inovação no ato de narrar. Dentre as muitas formas, ele deve escolher aquela que melhor lhe aprouver, conquanto que esteja atento ao fato de que o ponto de vista adotado, isto é, o foco narrativo é um dos principais elementos de uma obra.

*“O ponto de vista ou foco narrativo tem-se constituído numa das traves mestras da ficção moderna, a ponto de alguns estudiosos a considerarem o eixo em torno do qual gira toda a problemática ficcional dos nossos dias”<sup>vii</sup>.*

Tanto é verdade que, Forster<sup>viii</sup> defende a liberdade do romancista para mudar de ponto de vista no decorrer da obra, desde que obtenha o resultado esperado, ou seja, a visão mais adequada dependerá dos valores que o autor deseja transmitir e dos efeitos que ele busca desencadear em seus leitores. Pensando nas possibilidades de pontos de vista que um romancista pode recorrer e baseados na pesquisa de Ligia Chiappini Moraes Leite, intitulada *O Foco Narrativo*<sup>ix</sup>, vamos apresentar agora seis tipos de narrador que podem ser encontrados em romances. Esta tipologia foi sistematizada por Norman Friedman e está mais detalhada no trabalho de Leite.

### **Autor Onisciente Intruso**

O primeiro tipo apontado por Friedman diz respeito a um narrador livre em terceira pessoa, que não só conta uma história sobre a qual tudo sabe como faz comentários durante a narração e intromete-se no enredo, fazendo sugestões ou dando conselhos às personagens. Este tipo tem entre seus adeptos nomes como Balzac e Machado de Assis.

### **Narrador Onisciente Neutro**

Como segundo tipo, este narrador também em terceira pessoa parece-se muito com o anterior, exceto pelo fato de não fazer intromissões ou comentários em meio à narrativa. O narrador onisciente neutro foi muito utilizado pelos escritores dos séculos XIX e XX. Flaubert figura como principal romancista deste tipo considerado a “narrativa objetiva” e foi quem inaugurou o discurso indireto livre nos romances.

### **Narrador-testemunha**

Este narrador tem o ângulo de visão mais limitado, não sendo capaz de saber o que se passa no íntimo das personagens, nem de narrar aquilo que não testemunhou. Neste caso, o leitor deve contentar-se com parte da história, com uma visão (ou versão) do que aconteceu. Esta categoria de narrador é bem comum em romances de detetive, em que a intenção do autor é justamente não revelar toda a história ao leitor, mas apenas parte dela. Temos bons exemplos como: *O nome da Rosa* de Umberto Eco e nas obras de Conan Doyle (Sherlock Holmes) e Edgar Alan Poe (Dupin).

### **Narrador-protagonista**

Neste caso, o leitor só tem acesso àquilo que o narrador sabe e receberá as impressões que ele desejar passar. Já que temos aqui o narrador contando sua própria história, o ponto de vista é bastante limitado. Para exemplificar este tipo podemos falar de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, em que Riobaldo é o protagonista e narrador da história; outro exemplo ainda seria *Brás Cubas* de Machado de Assis.

### **Onisciência Seletiva Múltipla**

Esta categoria é caracterizada pela ausência de um narrador central; pode-se dizer que há na verdade um condutor da história através do qual as personagens ganham voz e contam a história, seja a sua ou a das demais. Os pensamentos, sentimentos e lembranças das personagens são relatados diretamente delas, sem qualquer intermediário ou locutor. Isto concede ao texto uma variedade de pontos de vista, que caracteriza o romance como polifônico<sup>x</sup> e o torna mais verossímil e mais próximo ao leitor. Neste tipo há o predomínio do Discurso Indireto Livre acompanhado de uma constante mudança de perspectiva sobre o que vem sendo narrado, requer cuidado do romancista para que não se perca a linha em que segue a narrativa, sendo perigoso aos pouco habilidosos, mas muito vantajoso aos bons escritores já que no romance, o uso de vários focos narrativos enriquece as possibilidades de leitura e de acesso ao enredo. Dentre os escritores que se aventuraram a fazer o uso da onisciência seletiva múltipla temos Antonio Calado e Graciliano Ramos.

### **Onisciência seletiva**

Muito semelhante à categoria anterior, esta trata da simbiose entre o ponto de vista do narrador e da personagem principal, aqui apenas esta tem seus sentimentos e percepções diretamente relatados e sua voz confunde-se muitas vezes com a do narrador, caracterizando um romance sinfônico. Exemplos brilhantes do uso deste tipo são *Mrs. Dalloway* de Virginia Wolf e *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector.

## **Modo Dramático**

Aqui já quase não se percebe o autor ou o narrador. Há muito do discurso das personagens, o que elas pensam, sentem e como julgam os fatos. Este discurso é muitas vezes introduzido e intercalado por comentários ou amarrações feitos pelo narrador; seu papel é o de unicamente possibilitar que os discursos das personagens fluam e que tenham uma ligação entre si, façam sentido no decorrer da obra, prezando pela verossimilhança do romance. Para Leite, esta é uma técnica dificilmente sustentável em textos longos, sendo mais comum em contos. Contudo, o romance de Milton Hatoum é um exemplo de que esta pode sustentar-se perfeitamente quando bem trabalhada. Na obra objeto deste estudo – *Relato de um certo Oriente*, o autor utiliza o discurso direto em todo o texto, dando voz às personagens. Não há intermediários, sendo que muitas vezes o discurso de uma personagem é imediatamente precedido pelo de outra.

Esta categoria é marcada pelo diálogo e no caso específico de *Relato de um certo Oriente*, o que se vê é um diálogo entre a narradora, cujo objetivo é organizar o relato, e as personagens, a quem ela busca depoimentos que possam ajudá-la a compor este relato, sendo que apenas a voz das personagens é registrada.

*“Muito antes do desaparecimento de Emir soube que me casaria com Emilie [...] Os solteiros falavam de Emilie com efusão e esperança; os mais velhos recordavam a juventude, resignados e pacientes. Afinal, tinham vivido muitas décadas. Emilie era filha única e, de tanto ouvir falar dela, enamorei-me.”*<sup>xi</sup>

*“Foi assim que teu pai resumiu sua vinda ao Brasil, numa tarde em que o procurei para puxar assunto. Curiosa era a maneira como se dirigia a mim: sempre olhando para o Livro aberto.”*<sup>xii</sup>

## **Câmera**

Última categoria apontada por Friedman, esta é para ele a que mais exclui o autor. Nela o narrador funciona como uma câmera que tenta transmitir “fashes” da vida real, com maior neutralidade possível. Leite, contudo, acredita ser impossível a neutralidade nesta categoria já que a câmera assume necessariamente um ângulo de visão para capturar a imagem desejada e as cenas obtidas são montadas de acordo com o objetivo que se visa atingir. Um bom exemplo de uso da “câmera”, citado por Leite, é o livro de Ricardo Ramos, *Circuito Fechado*.

## **Foco Narrativo em Relato**

### **O modo dramático no romance de Hatoum**

A obra de Milton Hatoum é construída de modo dramático, isto é, as personagens entram em cena e falam o que tem de ser dito sem qualquer mediação, sendo quase que imperceptível a presença de um autor ou um narrador no romance. A narradora de *Relato de um certo Oriente*, filha adotiva de Emilie, pouco se manifesta no texto. Sua missão é a de relatar ao irmão distante, também adotado pela matriarca, o que ocorreu com cada um dos conhecidos e familiares durante os anos que passou fora e como está agora a cidade da qual ambos saíram há tanto tempo.

Para tanto, ela – a narradora – dá voz às demais personagens, nas quais ela vai buscar a história do lugar, das pessoas e, de certa forma, sua própria história. Os

depoimentos colhidos ao longo da obra contribuem para traçar uma linha de acontecimentos passados que culminaram no presente. Ao adotar a técnica de dar voz às personagens, Hatoum faz uso constante do discurso direto no romance, com grandes blocos de fala da personagem e aspas que se abrem ao início de um capítulo e só se fecham ao final deste; uma rede de depoimentos ordenados de forma a construir um sentido à história contada. Este será, então, o principal papel da narradora: colher e ordenar os depoimentos de forma a construir o relato, utilizando inclusive caderno e gravador para registrar as informações colhidas.

*“Já eram quase sete horas quando resolvi sair de casa. Retirei do alforje o caderno, o gravador e as cartas que me enviaste da Espanha e coloquei tudo sobre uma mesinha de ônix, ao lado do desenho afixado na sala.(...) Antes de sair para reencontrar Emilie, imaginei como estarias em Barcelona, entre a Sagrada Família e o Mediterrâneo, talvez sentado em algum banco da praça do Diamante, quem sabe se também pensando em mim, na minha passagem pelo espaço da nossa infância: cidade imaginária, fundada numa manhã de 1954...”<sup>xiii</sup>*

### **O discurso citado**

O romance de Hatoum está repleto de citações espalhadas por todo o contexto narrativo e, muitas vezes, confundindo-se com este. Na obra não há separação entre o discurso citado e o contexto em que este se encontra, a fala da personagem é o próprio relato, é a própria narrativa; a personagem é, assim, também um narrador da história. As aspas existem apenas para marcar a voz de outrem, o “discurso no discurso”<sup>xiv</sup>, como diria Bakhtin. O papel do narrador seria, portanto, integrar este discurso ao seu próprio, à narrativa em si. No caso de *Relato*, a narradora faz a menor intervenção possível, deixando a cargo do leitor a interpretação das citações. Ele deve decifrar quem fala a partir da forma como o discurso é constituído ou por meio da linguagem utilizada por estes. O romance expõe-se como uma união de depoimentos alinhados pela condutora da obra no intuito de passar ao irmão o retrato da Manaus para a qual ela voltou. Porém, não é ela quem reporta todos os fatos, pelo contrário, a voz é das demais personagens que melhor podem falar sobre determinados eventos, lugares e pessoas. Ela é como uma repórter que colhe as informações diretamente da fonte, colocando o microfone à boca de seus entrevistados e nós, leitores, somos como espectadores que recebem estas informações diretamente de quem fala.

Neste caso não há qualquer interferência ou comentário feito por parte da narradora. Para transmitir a história da forma mais real possível, ela deixa que as personagens falem colocando-se como ouvinte dos depoimentos dados, entrando em cena quando tem algo de relevante a acrescentar, algo que tenha ouvido ou visto, o que ocorre apenas no primeiro dos oito capítulos do livro.

Bakhtin apresenta ainda em seu estudo variantes para o uso dos diferentes tipos de discurso na língua literária. No nosso caso particularmente interessa o discurso direto e uma variante especial, segundo o estudo – o discurso citado antecipado e disseminado. Para ele, esta é uma variante muito utilizada na prosa contemporânea e consiste em um discurso “oculto” no contexto narrativo e que tem lugar no discurso direto da personagem. A antecipação do discurso citado vai penetrar o contexto narrativo de forma a torná-los semelhantes.

“Na medida em que a diferença entre o narrador e o personagem não é assinalada pela distinção dos pronomes pessoais: é, portanto, a outros sinais que é confiada a tarefa de distinguir o narrador e o personagem sob a identidade do eu gramatical.”<sup>xv</sup>

Em *Relato*, o único sinal que diferencia contexto narrativo de discurso citado são as aspas e algumas expressões próprias da narradora e das personagens, já que ambos discursos são construídos em primeira pessoa e têm a forma de depoimento.

Ao analisar um texto de Dostoievski, chamado *Skviérni anekdot* (Uma História Desagradável), Bakhtin discute a variante que aplicamos ao caso de *Relato de um certo Oriente*, o discurso citado antecipado e disseminado. Neste sentido, diz que “...no interior da narrativa, praticamente cada epíteto, cada definição ou julgamento de valor poderia também estar entre aspas, como se tivessem saído da consciência de uma ou outra das personagens”. É justamente o que faz Hatoum; ele coloca cada julgamento, sensação ou idéia da personagem em sua própria fala, de modo que a narradora nada diz, apenas ouve para depois transmitir em seu relato.

### **Dialogicidade no romance**

Em outro estudo seu, intitulado *Questões de Literatura e de Estética*, Bakhtin afirma que todo discurso é dialógico, mesmo o monólogo, já que o “prosador” dialoga com fatos anteriormente conhecidos, textos e experiências que fazem parte do seu repertório. Deste mesmo modo, na obra de Hatoum tudo está em constante troca de informações, em constante diálogo: os eventos, as pessoas e os locais. Os diversos depoimentos transcritos no romance representam este diálogo, seja ele, entre os discursos das personagens, entre estes e o da narradora, entre o presente e o passado ou entre o Oriente e o Ocidente.

Contudo não é somente com as personagens e com o narrador que se encontra a dialogicidade do discurso, ela também está presente no receptor, no modo como a mensagem será recebida e interpretada. O leitor do romance irá formular uma resposta, geralmente não enunciada, ao texto, de acordo com o seu próprio repertório. No caso da obra aqui estudada, a narradora é a primeira receptora dos depoimentos colhidos, logo, ao relatar estes a seu irmão e, conseqüentemente, a todos os leitores, ela filtra o texto. Intencionalmente ou não, ela dá ênfase a certos aspectos descritos, a fatos que ela julga que o irmão deve tomar conhecimento. Assim, a narradora é nada mais que uma editora do texto, alguém que une os depoimentos para formar o *Relato de um certo Oriente*.

### **Considerações Finais**

A análise da estrutura do texto de Milton Hatoum e da técnica narrativa por ele adotada na construção de seu romance inaugural – *Relato de um certo Oriente*, nos permitiu classificar esta técnica dentre as categorias estabelecidas por Norman Friedman em seus estudos, o que encontramos não foi, por certo, um encaixe perfeito mas uma afinidade maior com uma das classificações - o *modo dramático*. Este, provavelmente, foi escolhido por Hatoum devido a uma combinação de fatores dentre eles apontamos a sua origem árabe e à tradição e ao costume deste povo em contar várias histórias no intuito de construir apenas uma (bem ao estilo de *As Mil e Uma Noites*). A presença de um novo foco narrativo a cada capítulo do livro excita a mente do leitor/receptor da obra. Esta técnica é capaz de acelerar a leitura da obra e de dar mais credibilidade ao



que é narrado já que dá voz às personagens que testemunharam o fato, ao invés de adotar um narrador onisciente que a tudo ouve, a tudo vê e tudo sabe. Aqui o autor faz uso dos depoimentos das personagens colhidos pela “narrador-mor” para construir seu relato. Quem conta a história é sempre alguém que esteve presente na hora e no local do acontecimento, tendo por isso autoridade para narrá-lo.

Da união dos vários fragmentos de narrativa e de diversos pontos de vista, o autor produz uma só história repleta de detalhes e sentimentos, densamente verossímil. A artimanha aplicada por ele ao fazer uso de uma narradora que pretende organizar um “relato” para o irmão que está na Europa é simplesmente louvável, pois ele faz com que ela tenha de buscar nas personagens as histórias da cidade e das pessoas no intuito de construir um *certo Oriente* que um dia ela e o irmão habitaram.

Mas o modo dramático utilizado por Milton Hatoum nesta obra não é qualquer novidade. A técnica já esteve presente em outros textos, só que em sua maioria contos ou narrativas curtas. O aspecto novo, contudo, está no uso da categoria de Friedman em um romance, um texto longo, no qual o modo dramático necessita de um tratamento especial para se manter. Uma tarefa árdua e complexa, que o autor amazonense se impôs e cumpriu com brilhantemente, o que sem sombra de dúvidas o levou a merecer o Prêmio Jabuti de Melhor Romance de 1990. Por todos estes atributos, *Relato de um certo Oriente* enfeitiça seu leitor com uma incrível história que mescla as culturas árabe e amazonense; por vezes, confunde-o com sua constante mudança de foco narrativo; e emociona-o com a dura e crua realidade da vida em família.

---

<sup>i</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 437.

<sup>ii</sup> *Orelhas de Relato de um certo oriente* de Milton Hatoum

<sup>iii</sup> *Ibdem* 1.

<sup>iv</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. Tomo I. p. 148.

<sup>v</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_. *Obras Escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 201.

<sup>vi</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_. *Obras Escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 205.

<sup>vii</sup> MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, s.d. p. 230.

<sup>viii</sup> FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto alegre: Globo, 1969.

<sup>ix</sup> LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo* (ou A polêmica em torno da ilusão). 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>x</sup> Conceito de Mikhail Bakhtin.

<sup>xi</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 2.ed.São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 76

<sup>xii</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 2.ed.São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 77

<sup>xiii</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 2.ed.São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 12

<sup>xiv</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 144.

<sup>xv</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. Tomo I. p. 149.

## Referências

AGUIAR E SILVA., Vitor Manuel de. Teoria da Literatura. 8<sup>a</sup> ed. Coimbra: livraria Almedina, 1991.

ANAIS do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes (UFOP). Júlia Maria Amorim Freitas. *A Casa e a Língua: Redes de textualidade e territorialidade em Relato de um certo oriente de Milton Hatoum*. Ouro Preto, 2001.

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BOURNEUF, R.; OUELLET, R. *o UNIVERSO DO ROMANCE*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria; literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto alegre: Globo, 1969.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BARBOSA, Sidney. “Ensaio sobre as relações entre biografia e obra de um escritor: o caso singular de Honoré de Balzac (1799-1850). *Lettres Françaises*. Revista da área de língua e literatura francesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. n. 04. Araraquara: Editora Unesp. ISSN 1414-025x. 2001. p. 23-47.
- MACHADO, Irene A. *O Romance e a Voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago Ed. São Paulo: FAPESP, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- LUKÁCS, György, *Teoria do romance*. Lisboa: Presença, s.d.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Trad. Ângela Bergamini et all. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SANTOS, Jean Luís Davino dos. *Um estudo sobre os processos de transculturação narrativa e interconexão cultural em Relato de um certo oriente e Dois Irmãos, de Milton Hatoum*. UFAL, 2004.
- SEGOLIN, Fernando. *Personagem e antipersonagem*. 2ª ed. São Paulo: Olho D’água, 1999.
- TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira. *Entre olhares e vozes; foco narrativo e retórica em Relato de um certo oriente e Dois Irmãos, de Milton Hatoum*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- VIEIRA, Yara Frateschi. *Níveis de Significação no Romance (Ensaio)*. São Paulo: Ática, 1974.